

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CRISLANE ONORIO PONTES

LUANA CAROLINA DOS SANTOS

**MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DESAFIOS E
POSSIBILIDADES A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL**

MACEIÓ-AL
2026

CRISLANE ONORIO PONTES

LUANA CAROLINA DOS SANTOS

**MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DESAFIOS E
POSSIBILIDADES A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do
Curso de Pedagogia do Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas como requisito
parcial para obtenção da nota final do Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

MACEIÓ-AL
2026

CRISLANE ONORIO PONTES

LUANA CAROLINA DOS SANTOS

**MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DESAFIOS E
POSSIBILIDADES A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25/06/2026.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Documento assinado digitalmente

JEANE FELIX DA SILVA

Data: 04/07/2026 11:22:26-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL) Presidenta



Documento assinado digitalmente

JORDANIA DE ARAUJO SOUZA GAUDÊNCIO

Data: 04/07/2026 13:02:38-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Jordânia de Araújo Souza Gaudêncio (CEDU/UFAL)

Avaliadora 1



Documento assinado digitalmente

MARTA MARIA MINERVINO DOS SANTOS

Data: 04/07/2026 13:31:37-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra Marta Maria Minervino dos Santos (CEDU/UFAL)

Avaliadora 2

Maceió - 2026

MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DESAFIOS E POSSIBILIDADES A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL

Crislane Onório Pontes¹
Luana Carolina dos Santos²
Jeane Felix da Silva³

RESUMO

Esse estudo buscou compreender quais os desafios e potencialidades presentes nas produções acadêmicas nacionais que se referem às mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa surgiu a partir das oportunidades de vivências acadêmicas por meio dos estágios supervisionados na modalidade (EJA) no processo de formação das autoras, assim como em experiências pessoais e profissionais que despertaram a busca pelo aprofundamento da temática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como base os trabalhos publicados na SciELO. Identificamos através da análise do material os principais desafios enfrentados pelas mulheres, os quais se destacam a desigualdade de gênero, racismo, a exclusão social, e a dupla jornada de trabalho. Como potencialidade, destaca-se a busca pela EJA como possibilidade de uma nova perspectiva de vida para essas mulheres. Os resultados da pesquisa apontam a necessidade de ampliação acerca da temática sobre a permanência para as mulheres na EJA, e que o espaço escolar seja de acolhimento, respeito e de valorização de diferentes saberes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Gênero; Mulheres; Permanência; EJA.

ABSTRACT

This study sought to understand the challenges and potentialities present in Brazilian academic productions concerning women in Youth and Adult Education (YAE). The research emerged from academic experiences gained through supervised internships in the YAE modality during the authors' educational training, as well as from personal and professional experiences that motivated a deeper exploration of the topic. This is a qualitative study based on papers published in SciELO. Through the analysis of the selected material, we identified the main challenges faced by women, including gender inequality, racism, social exclusion, and the double burden of work and domestic responsibilities. As a potentiality, the search for YAE stands out as an opportunity for these women to build a new perspective on life. The research findings highlight the need for further studies on women's retention in YAE programs and emphasize that the school environment should be a space of welcome, respect, and appreciation of their knowledge and experiences.

Keywords: Youth and Adult Education; Gender; Women; Retention.

¹ Graduanda de Pedagogia, CEDU/UFAL - E-mail: crislane.pontes@cedu.ufal.br

² Graduanda de Pedagogia, CEDU/UFAL - E-mail: luana.carolina@cedu.ufal.br

³ Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação. CEDU/UFAL - Orientadora - E-mail: jeane.silva@cedu.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

No percurso da nossa formação como alunas do Curso de Pedagogia, do período noturno, tivemos em nossos estágios a oportunidade de conhecer e vivenciar o universo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As salas em que realizamos os nossos estágios eram povoadas, em sua maioria, pela presença de mulheres estudantes. Mulheres que, assim como nós, trabalham o dia todo e estudam à noite.

Essas mulheres são, nas palavras de Arroyo (2017), “passageiras da noite” pois, com uma jornada diária exaustiva que inclui trabalho, afazeres domésticos e cuidados com filhos/as e netos/as, enfrentam os deslocamentos de suas casas para o trabalho, de seus trabalhos até as escolas (muitas vezes, em transportes lotados), mas não desistem e ocupam seu espaço na EJA, em busca de melhorias na vida.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica, destinada a jovens e adultos com idade mínima de 15 anos (para o ensino fundamental) e de 18 anos (para o ensino médio), com o intuito de garantir o direito fundamental à educação a jovens, adultos e idosos/as que não puderam concluir os estudos dentro da faixa etária considerada regular pelas políticas educacionais, que seria até os 17 anos. A EJA como modalidade busca promover o direito à Educação para todas as pessoas, conforme garantido pela Constituição Federal (1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Brasil, 1996).

Nessa perspectiva, conforme Arroyo (2005), a Educação de Jovens e Adultos não deve ser compreendida apenas como uma segunda oportunidade de escolarização aos que não tiveram acesso, na infância ou adolescência, ou que se evadiram. Mas, como uma possibilidade de garantia do direito à Educação, o que demanda um novo olhar, que deve ser construído reconhecendo jovens e adultos em seus percursos sociais efetivos, marcados por experiências de exclusão e negação de direitos.

De tal modo a EJA se articula diretamente com o enfrentamento do analfabetismo e das desigualdades sociais, desempenhando um papel estratégico na promoção da inclusão social das pessoas jovens, adultas e idosas, sobretudo das classes populares. Segundo a PNAD/Contínua (2023), o Brasil possui quase 10 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler nem escrever, mais da metade são idosos/as e moram no nordeste, sendo Alagoas um dos três estados com o maior número de pessoas não alfabetizadas⁴.

⁴ Fonte:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2023-06/taxa-de-analfabetismo-cai-no-brasil-e-passa-de-61-para-56>. Acesso em 31-05-2026.

Assim, foi a partir das nossas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas com a EJA que despertamos o interesse por estudar, em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, a temática das mulheres na EJA. Antes da graduação, ao trabalhar com empréstimo consignado, uma de nós tinha contato diário com mulheres que não tiveram acesso à escolarização em razão de diferentes formas de exclusão social, como a necessidade de trabalhar no corte de cana desde cedo para sustentar os filhos e filhas, além da imposição de relações marcadas pelo machismo, quando precisaram abandonar a escola por decisão de seus companheiros ou ex-companheiros, e a negação do direito à educação por parte da própria família. Muitas dessas mulheres relataram o desejo de aprender a ler e escrever, revelando sonhos interrompidos pelas desigualdades sociais e de gênero.

Essas histórias revelam como as desigualdades sociais, econômicas e de gênero marcaram profundamente a trajetória escolar de muitas mulheres. Para diversas delas, estudar tornou-se um sonho distante. No entanto, algumas conseguiram retornar à escola por meio da Educação de Jovens e Adultos, motivadas pelo desejo de aprender a ler e escrever, assinar o próprio nome, conquistar autonomia para realizar tarefas do cotidiano, como ir ao banco e receber seu salário, visto que muitas relatam que precisam pagar para que parentes façam isso para elas. Esses relatos, aliados às experiências vivenciadas durante os estágios, nos sensibilizaram profundamente e despertaram o interesse de pesquisar essa temática. Essas vivências despertaram em nós o desejo de atuar como professoras da EJA, compreendendo essa modalidade como um espaço de transformação social.

Assim, ao cursarmos os estágios supervisionados obrigatórios do Curso de Pedagogia, no horário noturno, quais sejam: Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação Pedagógica, Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento e Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, realizados nas escolas Municipais de Maceió, optamos por aprofundar os nossos conhecimentos sobre a EJA. Como somos alunas do noturno, nossos estágios foram realizados no contexto da EJA, fortalecendo ainda mais nosso desejo de conhecer a EJA, especialmente compreender de forma mais ampla as trajetórias, os desafios e as potencialidades das mulheres que frequentam essa modalidade de ensino.

Este tema apresenta uma importante contribuição para a formação em Pedagogia, que é um curso composto por maioria de mulheres e que, por isso, deve se ocupar de estudar as experiências educativas femininas. Vivenciar a rotina acadêmica conciliando estudos, trabalho e, muitas vezes, responsabilidades familiares, nos aproxima da realidade da maioria das estudantes da EJA. Essa vivência nos permite compreender, de forma mais sensível, os

desafios enfrentados por aquelas mulheres, ampliando a nossa formação para o trabalho com esse público. Nas palavras de Oliveira (2010, p. 105), a EJA “é tratada e discutida como uma modalidade da qual o país poderá se libertar, quando as desigualdades sociais estiverem em vias de superação e as populações subalternizadas tiveram amplo acesso à escolarização regular na chamada “época certa”.

Contudo, conforme aponta Di Pierro (2017, p. 11), a EJA é delimitada não apenas por critérios de idade, mas pelas precárias condições socioeconômicas que favorecem “o analfabetismo, a baixa escolaridade e a insuficiente formação profissional” . Ou seja, não se trata de uma situação com solução simplista, pois envolve desigualdades econômicas e sociais estruturais em nosso país.

Considerando esse debate, este artigo tem como objetivo geral compreender quais os desafios e as potencialidades enfrentados pelas mulheres na EJA a partir da produção acadêmica nacional. Tem ainda, por objetivos específicos: a) mapear as produções sobre as mulheres na Educação de Jovens e Adultos; b) refletir sobre os desafios e as potencialidades enfrentados pelas mulheres para permanecer na EJA, de acordo com os trabalhos mapeados. Para alcançar tais objetivos, este trabalho será pautado em uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica, realizada na plataforma *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*.

Este artigo está estruturado em cinco partes. A primeira consiste nesta introdução, que apresenta o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa. Em seguida, no referencial teórico, apresentamos as bases conceituais que fundamentam o estudo. A terceira parte aborda a metodologia, detalhando o percurso e os procedimentos adotados para a elaboração do trabalho. Na sequência, os resultados e as discussões apresentam a análise dos trabalhos mapeados e as reflexões decorrentes dessa análise. Por fim, nas considerações finais, são sintetizadas as principais conclusões sobre a temática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O espaço escolar passou por transformações ao longo dos anos, um espaço que costumava ser estritamente para educação masculina, se transformou depois de muita luta, em um lugar também para as mulheres. Segundo Louro (1997), a educação brasileira foi formada historicamente de maneira desigual para homens e mulheres. A autora apresenta um cenário de como era voltada a educação no século XIX, no qual as mulheres tinham uma educação diferente dos homens. Enquanto a escolarização feminina era voltada para as atividades domésticas, os homens estudavam conteúdos voltados à vida pública e intelectual, como a

geometria, por exemplo. Segundo a autora, as desigualdades de gênero e as responsabilidades designadas para as mulheres, trouxeram consequências dessa construção histórica que carregamos até hoje, influenciando o acesso, a permanência e a retomada dos estudos (Louro, 1997).

Somente a partir do século XX, com o processo de industrialização, e com a expansão das cidades e com elas as mudanças sociais, o analfabetismo passou a ser compreendido como um problema social. Na década de 1940, começaram a surgir campanhas nacionais de alfabetização com o objetivo de diminuir os índices de analfabetismo no país. De acordo com Fávero e Freitas (2011), apenas com o amadurecimento do processo democrático e surgimento de novos conceitos, especialmente a partir das contribuições de Paulo Freire, a ideia da conscientização, que a dimensão política da EJA como um compromisso em favor das classes populares e a alfabetização como ferramenta para ação política emergiu, na década de 1960.

Com o início da Ditadura Militar, em 1964, as propostas de educação popular defendidas por Paulo Freire foram interrompidas. Durante esse período, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967, que tinha como objetivo reduzir os índices de analfabetismo no país. Segundo Fávero e Freitas (2011), o MOBRAL era uma campanha de alfabetização ampla, mas com uma concepção de educação permanente estritamente ligada à necessidade do mercado de trabalho.

A luta por uma educação para aqueles/as que se mantiveram por muito tempo excluídos/as do sistema educacional, podemos citar aqui as mulheres, que por, muito tempo foram limitadas de conhecimentos científicos, tendo sua educação baseada nos conhecimentos religiosos, e em como ser uma “boa esposa”, em uma estrutura patriarcal que coloca a mulher em uma posição de submissão, delimitando que o espaço da mulher, é o espaço doméstico. Essa concepção pautava o processo de escolarização das mulheres (Louro, 1997).

Foi a partir da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que a educação passou a ser reconhecida como um direito de todas as pessoas. Mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei Nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) estabeleceu a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade da educação básica destinada às pessoas que não tiveram acesso ou oportunidade de concluir os estudos quando crianças e adolescentes. Contudo, apesar dos avanços legais, o direito à educação para as pessoas jovens e adultas ainda não está enraizado na sociedade, o que contribui para que as metas voltadas à EJA não sejam

alcançadas na prática (Di Pierro & Haddad, 2015). Ou seja, os avanços legais e institucionais na EJA, não foram suficientes na prática, o que justifica os altos números de pessoas não alfabetizadas em nosso país e em nosso estado.

Compreendemos a EJA como um dos principais meios de inclusão social, por isso, sua oferta deve respeitar as trajetórias de vida de cada educando/a. Os sujeitos da EJA têm a sua trajetória marcada por diferentes realidades sociais, econômicas e culturais: são trabalhadores e trabalhadoras, com as mais diversas realidades, inseridos/as em contextos sociais e econômicos precarizados que os/as levaram a interromper seus estudos precocemente (Arroyo, 2017); são homens e mulheres que possuem sonhos e que acreditam que a escolarização pode ajudar a realizar.

Além disso, ao trabalharmos com a EJA precisamos considerar que o analfabetismo impacta diretamente na vida, gerando exclusão, dependência social, dificultando a participação plena desse indivíduo na sociedade. Contudo, não podemos nos referir aos sujeitos da EJA como um grupo homogêneo de pessoas, pois, se há características que os aproxima como as condições socioeconômicas, há outras que destacam a diversidade.

A diversidade encontrada na EJA é marcada também por questões de gênero. Nesse sentido, apesar do último dado apresentar um número significativo de mulheres que buscam a EJA para retornar e concluir os estudos, ainda há obstáculos que dificultam o acesso e permanência dessas mulheres na escola. Entre esses desafios estão a dupla jornada (emprego e trabalho doméstico), gravidez na adolescência, proibição dos maridos, entre outros. Mesmo diante desses desafios, se faz presente nessas mulheres o desejo de aprender e estudar (Vieira & Cruz, 2015).

Nessa perspectiva, em pleno século XXI, as mulheres continuam sendo prejudicadas e penalizadas, pois cabe a elas (a nós) o cuidado, os afazeres domésticos, a dupla jornada etc. As limitações historicamente impostas às mulheres ainda se refletem em seu cotidiano, fazendo com que, muitas vezes, precisem escolher entre cuidar do lar, ser mãe, trabalhadora, estudante, entre tantas outras funções. Isso ocorre devido ao padrão socialmente construído de que determinadas atividades, como cozinhar e cuidar da casa, são consideradas responsabilidades exclusivamente femininas, o que acaba gerando uma sobrecarga para as mulheres.

Gênero é uma construção social que tem, historicamente, delimitado o que seria “coisa de mulher” e “coisa de homem”, separando, segregando e dificultando a vida das mulheres. Para Meyer (2003, p. 16), gênero “engloba todas as formas de construção social,

cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade”.

Embora os homens também possuam funções socialmente pré-determinadas, estas geralmente estão relacionadas ao espaço público e ao mundo do trabalho. Já as mulheres precisam exercer funções tanto fora quanto dentro de casa, conciliando trabalho, estudos e responsabilidades domésticas. Dessa forma, percebemos que as desigualdades de gênero ainda permanecem presentes em nossa sociedade, impactando diretamente a vida social, profissional e educacional das mulheres. Embora o conceito de gênero não se limite a analisar as formas generificadas de vida das mulheres (Meyer, 2003), neste trabalho vamos utilizá-lo nesse contexto, por observarmos a EJA como um espaço de reprodução dessa lógica binária que separa mulheres e homens.

Olhando para os dados sobre a presença das mulheres na Educação de Jovens e Adultos, elas representam o maior número de educandas/os da modalidade. De acordo com o Censo Escolar de 2023, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as mulheres representam 51,9% das matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) apontam que no Brasil, em 2022, as mulheres se dedicaram aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens, correspondendo a 21,3 horas contra 11,7 horas dos homens. Refletindo sobre esses dados, podemos afirmar que as desigualdades de gênero contribuem para a situação de escolarização das mulheres. Nossa experiência como estagiárias na EJA nos permite confirmar essa afirmação: as mulheres com quem convivemos nos Estágios assumiram ter abandonado a escola devido à necessidade de cuidar das famílias, e socializam que os companheiros não as deixavam estudar, o que reflete a lógica da desigualdade.

Segundo a mesma pesquisa, na Região Nordeste, as mulheres dedicaram mais horas às atividades domésticas, alcançando 23,5 horas semanais, sendo essa também a região que apresentou a maior desigualdade em relação aos homens. Nesse contexto, os dados do IBGE, indicam também que estas desigualdades afetam especialmente mulheres negras e de baixa renda, demonstrando que historicamente, esse padrão se repete e evidencia que essa divisão desigual na realização das atividades de cuidados e afazeres, demonstrando que além das desigualdades de gênero e classe, a raça também impacta na escolaridade das mulheres.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que não estamos preocupadas com a quantidade de trabalhos que serão mapeados, mas com a qualidade das análises que eles nos permitem fazer sobre o tema. A pesquisa bibliográfica, segundo Yin (2016, p. 29), é aquela que busca:

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas (...) de um estudo; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e 5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte (Yin, 2016, p. 29).

Nesse sentido, destaca-se a importância de considerar as condições reais em que os indivíduos estão inseridos, bem como suas percepções e perspectivas sobre a realidade vivenciada. Nas análises, buscamos identificar elementos em comum entre os estudos, como as dificuldades enfrentadas pelas mulheres relacionadas principalmente à maternidade, ao trabalho e às desigualdades de gênero, bem como as estratégias que contribuem para sua permanência na EJA.

Além disso, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir da análise de produções acadêmicas nacionais disponíveis na base de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, permitindo a reflexão de estudos já publicados sobre a temática. Para a realização da pesquisa no SciELO, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados em língua portuguesa, com foco direto no público de mulheres na EJA. Já os critérios de exclusão compreenderam: estudos que estivessem sem foco direto na temática da Educação de Jovens e Adultos e de mulheres na EJA e trabalhos publicados em idioma estrangeiro.

A busca pelos artigos foi realizada a partir das seguintes palavras-chave “EJA” and “mulheres” e “Educação de Jovens e Adultos” and “mulheres”, “permanência” and “mulheres” and “EJA” usadas com o operador booleano “and”. A definição desses critérios e das palavras-chave contribuiu para a construção de um recorte em nosso mapeamento, possibilitando a análise de produções que dialogam com a temática proposta e que evidenciam os principais desafios enfrentados pelas mulheres na EJA, fortalecendo a fundamentação da pesquisa. Destacamos que os artigos encontrados nessa pesquisa foram escritos por mulheres. Embora esse fato não tenha sido definido como critério de inclusão, essa constatação nos faz refletir sobre quem tem buscado investigar sobre as questões das mulheres na modalidade EJA.

Nesta pesquisa, não foi estabelecido recorte temporal para a seleção dos estudos. A escolha das publicações ocorreu exclusivamente com base nos critérios de inclusão e exclusão definidos previamente, visando selecionar estudos compatíveis com os objetivos da mesma. Assim, com base nos critérios definidos para a pesquisa, foram encontrados na busca: 4 artigos para “EJA” and “mulheres”; 5 trabalhos para “Educação de Jovens e Adultos” and “mulheres”, sendo 4 repetidos dos resultados da busca anterior. Já para “permanência” and “mulheres” and “EJA” não foram encontrados resultados. Assim, como resultado do mapeamento das produções acadêmicas, encontramos 5 trabalhos que estão relacionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e às mulheres, que formaram o conjunto de trabalhos analisados, conforme Tabela 1, a seguir.

Quadro 1: Produções sobre mulheres e EJA no contexto acadêmico

TÍTULO DO TRABALHO	AUTORES/AS	ANO DE PUBLICAÇÃO	LINK DO ARTIGO
Mulheres negras na EJA: compreendendo os desafios e as estratégias de enfrentamento do racismo no âmbito escolar.	Flávia Souza Rocha Lima; Lara Mendes Christ Bonella Sepulcri; Silvania Neris Nossa; Sabrina Oliveira de Figueiredo	2024	https://www.scielo.br/j/rbedu/a/brrM7nhJ75zSRLYjpsfscwm/?lang=pt
Escola, trabalho e gênero: uma experiência da Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre	Ana Cláudia Ferreira Godinho; Maria Clara Bueno Fischer	2019	https://www.scielo.br/j/er/a/wCrFmirVpCjwNih499Rr7QO/?lang=pt
Mulheres da educação de jovens e adultos em busca da formação perdida: um olhar da educação musical.	Maria Guiomar Ribas	2014	https://www.scielo.br/j/er/a/8T4Fx8vCXHKSMjvtwBsHcxN/?lang=pt
Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas.	Sandra dos Santos Andrade e Dagmar Estermann Meyer	2014	https://www.scielo.br/j/er/a/hT39pphnhSjW5DyJgz73CdB/?lang=pt
Olhares para a formação e escolarização de mulheres travestis e transexuais.	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin; Gabriela da Silva; Samira de Moraes Maia Vigano.	2025	https://www.scielo.br/j/eduf/or/a/Zxmbp3tt95Sgd8bmkvt3rMf/?lang=pt

Fonte: elaborado pelas autoras, 2026.

Destacamos que, no decorrer da escrita deste trabalho, utilizamos a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT, como suporte gramatical, para a formatação das referências com base nas regras da ABNT e para a tradução do resumo para inglês (*abstract*), sem interferência no conteúdo descrito neste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte do trabalho, apresentamos os artigos mapeados e buscamos refletir sobre como as mulheres na EJA são apresentadas, quais os desafios e as possibilidades para permanência presente nos estudos nessa modalidade a partir dos resultados da nossa pesquisa. Apresentamos, portanto, os cinco trabalhos mencionados na Tabela 1, na seção anterior.

O artigo *Mulheres negras na EJA: compreendendo os desafios e as estratégias de enfrentamento do racismo no âmbito escolar*, escrito por Flavia Souza Rocha Lima, Lara Mendes Christ Bonella Sepulcri, Silvania Neris Nossa e Sabrina Oliveira de Figueiredo (2024), foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo realizada em duas escolas públicas municipais de ensino fundamental que oferecem a modalidade EJA, localizadas no município de Serra, no estado do Espírito Santo.

O artigo discute como o racismo dificulta a permanência de mulheres negras na escola, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA). As autoras dão destaque a falta de formação dos profissionais da educação para que possam desenvolver práticas pedagógicas capazes de romper com os padrões estéticos e midiáticos estabelecidos pela sociedade. O estudo também aborda a ausência de políticas públicas que contribuam para que a escola se torne um espaço mais acolhedor e menos preconceituoso.

Além disso, o texto destaca que o padrão de beleza associado às mulheres brancas afeta diretamente a autoestima das mulheres negras, visto que o racismo perpassa todas as fases de suas vidas, incluindo a vida escolar, muitas vezes desde a educação infantil, reverberando nos demais níveis de ensino. Esse processo acaba desenvolvendo um sentimento de não pertencimento ao espaço escolar. Nesse contexto, a EJA possui papel fundamental ao possibilitar que essas mulheres se reconheçam como pertencentes à escola e a outros espaços sociais que desejarem frequentar, tendo sua identidade racial e de gênero reconhecida e valorizada. Isso fica evidente quando, durante as entrevistas realizadas com 46 mulheres, a maioria se autodeclarou parda, mesmo apresentando fenótipos característicos de pessoas pretas, demonstrando dificuldades relacionadas ao reconhecimento de sua identidade

racial.

Ao analisar o artigo, percebemos que, para além de fatores como trabalho, maternidade e relacionamentos tóxicos, o racismo se configura como um elemento importante e muitas vezes silenciado que afasta as mulheres negras da vida escolar. Dessa forma, sua permanência nesse espaço é constantemente afetada por situações de discriminação, olhares e gestos depreciativos, além da baixa autoestima, fatores que dificultam sua trajetória educacional.

O artigo *Escola, trabalho e gênero: uma experiência da Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre*, escrito por Ana Cláudia Ferreira Godinho e Maria Clara Bueno Fischer (2019), apresenta uma reflexão acerca das relações entre escola, trabalho e gênero no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O artigo analisa experiências de trabalho artesanal desenvolvidas por mulheres em situação de rua, estudantes de uma escola pública de EJA localizada em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada por meio de uma metodologia qualitativa, utilizando a observação participante como principal instrumento de investigação.

O estudo destaca as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conciliar as múltiplas responsabilidades presentes em seu cotidiano, como trabalho, cuidados familiares, sobrevivência e permanência na escola. As autoras demonstram que a trajetória educacional dessas mulheres é marcada por desafios sociais e econômicos que dificultam a continuidade dos estudos, mostrando como as desigualdades de gênero presentes na sociedade e refletidas no ambiente escolar.

Além disso, o artigo destaca a importância de práticas pedagógicas que reconheçam os saberes construídos pelos educandos em suas experiências de vida e trabalho. Nesse sentido, as autoras defendem que os/as educadores/as devem valorizar os conhecimentos adquiridos no cotidiano, compreendendo os/as educandos/as como sujeitos protagonistas e detentores de saberes produzidos a partir de suas vivências sociais. Dessa forma, o conhecimento empírico passa a dialogar com o conhecimento teórico, promovendo uma troca de saberes mais significativa e humanizada no processo educativo.

Ao analisar o artigo, percebemos que a conciliação entre trabalho e estudo dificulta a vida das mulheres, que já são sobrecarregadas no cotidiano por múltiplas responsabilidades. O cansaço diário compromete sua permanência na escola, especialmente no caso das mulheres abordadas na pesquisa, que se encontram em situação de rua e necessitam de maior assistência e apoio social.

O artigo *Mulheres da Educação de Jovens e Adultos em busca da formação perdida:*

um olhar da educação musical, produzido por Maria Guiomar Ribas (2014), reflete sobre a educação escolar e musical das mulheres, cujas buscas de formação quando crianças e jovens resultaram em exclusão, interrupções, porém, chegando posteriormente à realização da escolaridade por meio da EJA. Quatro não iniciaram ou interromperam sua educação escolar devido às demandas domésticas como criação de filhos/as ou irmãos/as. E cinco delas, devido à necessidade de trabalhar desde o período em que viviam com suas famílias de origem, permaneceram trabalhando quando se casaram.

O trabalho apresenta os depoimentos de nove mulheres entrevistadas quanto às suas experiências educativas e musicais anteriores, assim como durante o processo de educação na EJA, levantando um debate a respeito das condições da escolarização em diferentes gerações e suas relações com as práticas e aprendizagens musicais no cenário da EJA. A autora aborda a musicalidade no contexto da EJA com uma função similar às outras áreas de conhecimento: promover aprendizagens.

Ao analisar o artigo, observa-se, mais uma vez, que muitas mulheres tiveram seus sonhos limitados pelas dificuldades sociais e econômicas enfrentadas ao longo da vida. No estudo, as estudantes relatam que, por precisarem trabalhar na roça com seus pais para garantir o sustento da família, ingressaram na escola com idade incompatível com a série que deveriam cursar e, devido à vergonha e ao constrangimento, acabaram desistindo dos estudos. Atualmente, na sala de aula da EJA, essas mulheres encontram a oportunidade de reconstruir suas trajetórias educacionais. Por meio da música e do canto, as mulheres conseguem aprender novas palavras, desenvolver a comunicação e superar a timidez construída ao longo de uma vida marcada pelo silenciamento e pela exclusão social.

Em *“Olhares para a formação e escolarização de mulheres travestis e transexuais”* escrito por Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin; Gabriela da Silva; Samira de Moraes Maia Vigano (2025) analisa gênero e sexualidade por meio de experiências vividas por estudantes travestis e transexuais no ambiente escolar como estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse estudo, as autoras buscam entender os principais desafios, a discriminação enfrentada por essas estudantes, e o significado de educação para elas. O projeto convém dos processos de exclusão e violência que essas pessoas sofrem durante sua trajetória de vida e que dificultam sua permanência na escola.

Esse estudo se desenvolveu a partir de “cartas-corpo”. Nelas estão contidas narrativas de estudantes com as estratégias que elas adotam para se sentirem socialmente aceitas frente à questão de gênero e sexualidade, assim como suas vivências no ambiente escolar. Uma das narrativas relatada por uma das estudantes, apresenta que ela foi tratada com desprezo por

muitos/as professores/as, como se sua condição anulasse qualquer tipo de conhecimento que pudesse adquirir. Esse foi um dos relatos que demonstram o quanto a discriminação e o preconceito afetam a vivência dessas participantes no ambiente escolar.

O artigo também propõe uma reflexão sobre como, muitas vezes, a escola acaba sendo um espaço de discriminação e exclusão que pode ser justificado por padrões culturalmente reproduzidos e que contribui para a evasão escolar desse público, ao invés de ser um espaço de acolhimento das diferenças e de garantia de direitos, independente de gênero ou sexualidade. Nesse sentido, o estudo destaca a modalidade EJA como um caminho de retorno e de reconstrução de suas trajetórias, o que reforça a importância de formação docente com foco na EJA.

O artigo *Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas*, escrito por Sandra dos Santos Andrade e Dagmar Estermann Meyer (2014), apresenta a relação entre juventudes e processos de escolarização por meio de um trabalho de campo realizado pelas autoras. Esse estudo se desenvolveu através de observações do espaço escolar, entrevistas narrativas, as quais 19 estudantes foram entrevistados, assim como foi realizado discussões em grupo com esses estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo da pesquisa é abordar a juventude como um momento de construção de identidade e formação antes do início à vida adulta. Mas, considerando as desigualdades sociais e questões de gênero, as autoras enfatizam que essa experiência não ocorre de forma igual para todos/as. Em entrevista com uma das alunas, a entrevistada destaca que algumas condições são “inevitáveis” como o “destino feminino” quando adulta: marido, casa, filhos, trabalho, argumento problematizado pelas autoras.

As autoras abordam que, apesar dos avanços femininos na educação e no mercado de trabalho, por meio das entrevistas realizadas, foi constatado que ainda persiste a ideia de que é responsabilidade das mulheres o espaço familiar, o cuidado com os/as filhos/as, e que muitas dessas jovens assumem a tripla jornada ao retornar à EJA: trabalho, escola e filhos, o qual evidencia como as desigualdades de gênero influenciam na trajetória escolar dessas alunas desde a juventude.

Ao analisar os referidos trabalhos, identificamos que existe uma correlação entre os estudos, ao indicarem as trajetórias das mulheres na EJA, com destaque para o que ocasionou a interrupção dos estudos dessas mulheres, bem como a importância da Educação de Jovens e Adultos em suas vidas como uma forma de recomeço. Os trabalhos destacam a importância de romper com o padrão socialmente imposto às mulheres, que as limitam em diversos aspectos, entre os quais os estudos.

O estudo de Lima e colaboradores/as (2024), que aborda a temática do racismo, destaca o sentimento de não pertencimento das mulheres, sobretudo as negras, no ambiente escolar e é um estudo de suma importância, visto que o maior público feminino da EJA é composto por mulheres pretas e pardas. O estudo destaca os obstáculos enfrentados por esse público, tais como a ausência de políticas públicas que possam contribuir para o espaço escolar ser um espaço de acolhimento, em uma perspectiva antirracista, e de como o racismo influencia a autoestima dessas mulheres. Nesse mesmo sentido, o estudo sobre as mulheres travestis e transexuais, por meio das narrativas das vivências dessas mulheres como estudantes da EJA, foi perceptível que os principais desafios enfrentados são a discriminação, a exclusão, violência e as desigualdades de gênero que ocorrem durante toda sua vida e, desse modo, perpassam a trajetória escolar, interferindo na permanência destas na sala de aula.

Embora os estudos tenham pontos em comum, eles apontam razões distintas para o distanciamento dessas mulheres do ambiente escolar, podendo destacar questões de gênero, classe social, preconceito e entre tantos outros fatores, que consequentemente geram a exclusão dessas mulheres no ambiente escolar, visto que elas possuem trajetórias de vidas que perpassam por várias realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido teve como objetivo compreender quais os desafios e as potencialidades enfrentados pelas mulheres na EJA a partir da produção acadêmica nacional. Ao analisarmos os trabalhos citados, foi possível identificar que as trajetórias dessas mulheres são atravessadas por processos históricos de desigualdade, especialmente relacionados às questões de gênero. Os artigos mapeados indicam que as mulheres continuam deixando de ser protagonistas de suas vidas, ao evidenciarem como a exclusão escolar feminina está diretamente relacionada a estruturas sociais mais amplas e historicamente consolidadas.

Conseguimos perceber, contudo, que apesar dos principais desafios destacados nas pesquisas tais como desigualdades sociais e de gênero, as responsabilidades domésticas, o racismo, a maternidade como sendo obstáculos na vida dessas mulheres, elas acreditam que suas vidas podem ser transformadas pela educação escolar. Com base nisso, destacamos que as escolas que ofertam EJA precisam estar atentas para as questões de gênero e demais

desigualdades, oferecendo uma educação que acolha essas mulheres, possibilitando a elas aprender e se desenvolver educativamente.

Os estudos mostram que as mulheres lutam diariamente para conseguirem estar em sala de aula, o que precisam enfrentar diariamente para que possam ocupar um lugar diferente daquele secundário que a sociedade nos impõe. É importante reconhecer o quanto a Educação de Jovens e Adultos pode ser um espaço para a realização de sonhos para suas alunas.

Essa pesquisa nos permitiu perceber e refletir sobre a trajetória das mulheres da EJA, que conciliam tantas responsabilidades em busca de um futuro melhor. Esperamos com esse estudo que as discussões sobre os desafios e potencialidades das mulheres na Educação de Jovens e Adultos sejam ampliados, visto o número reduzido de trabalhos sobre a temática, e que políticas públicas sejam pensadas e implementadas para esse público. E, como futuras pedagogas, esperamos que o espaço escolar seja um espaço de reconhecimento e valorização das experiências, de acolhimento, transformação, respeito e garantia de direito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 30, n. esp. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hT39pphnhSjW5DyJgz73CdB/?lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2026.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leônicio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes; GOMES, Nilma Lino (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. ISBN: 9788532657077.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 jun. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394compilado.htm. Acesso em: 7 mar. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-escolar-da-educacao-basica-2024-resumo-tecnico/>. Acesso em: 7 mar. 2026.

DI PIERRO, Maria Clara. Tradições e concepções de educação de jovens e adultos. In: CATELLI JR., Roberto (org.). **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 9-21. Disponível em: [formação e pratica_mioio.indd](#). Acesso em: 15 maio 2026.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio/ago. 2015.

FÁVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, 2011.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira; FISCHER, Maria Clara Bueno. Escola, trabalho e gênero: uma experiência da educação de jovens e adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62199>. Acesso em: 7 mar. 2026.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes; SILVA, Gabriela da; VIGANO, Samira de Moraes Maia. Olhares para a formação e escolarização de mulheres travestis e transexuais. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 10, e15316, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edufor/a/Zxmbp3tt95Sgd8bmkyt3rMf/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf. Acesso em: 7 mar. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: <https://riep.inep.gov.br/items/2a3e230d-1545-43c6-9203-68637d4bb8b4>

LIMA, Flavia Souza Rocha; SEPULCRI, Lara Mendes Christ Bonella; NOSSA, Silvania Neris; FIGUEIREDO, Sabrina Oliveira de. Mulheres negras na EJA: compreendendo os desafios e as estratégias de enfrentamento do racismo no âmbito escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782024290126>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: [guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf](#). Acesso em: 25 maio 2026.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. As interfaces educação popular e EJA: exigências de formação para a prática com esses grupos sociais. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 104-110, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/7334>. Acesso em: 7 mar. 2026.

RIBAS, Maria Guiomar. Mulheres da Educação de Jovens e Adultos em busca da formação perdida: um olhar da educação musical. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 53, p. 113-130, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/8T4Fx8vCXHKSMjytwBsHcxN/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2026.

VIEIRA, Maria Clarisse; CRUZ, Karla Nascimento. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Revista Educação** (UFSM), Santa Maria, 2015.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]. Tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Dirceu da Silva. – Porto Alegre : Penso, 2016. ePUB.